

PENSAR VIDAS NEGRAS NA UNIVERSIDADE: SUAS REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADE SOCIAL NO TEATRO DA VIDA

Jair Moreira¹

¹Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

RESUMO

A pesquisa apresenta como discentes negras e negros percebem a vida na universidade. Toma como premissa, entrevistas semiestruturadas com estudantes negros e estudantes negras do quarto ano dos cursos de licenciatura (Letras e Ciências Sociais) da Universidade Estadual de Maringá – UEM. A busca girou em torno de compreender como estes alunos e alunas se relacionam com a universidade e com a vida neste espaço. Foram analisadas as representações sociais, vinculações ou desvinculações constituídas por estas pessoas no ambiente acadêmico, de modo a ser possível discutir o sentimento de pertencimento ou não em tal universo. A coleta dos dados foi pela amostragem bola de neve e a análise teve caráter qualitativo, por meio de estudo de caso. Os resultados mostram que há entre as estudantes e os estudantes, o desejo da aprendizagem multidisciplinar. Ficou claro que vidas negras na docência fazem diferença para as novas gerações que conhecem seu papel como disseminador do conhecimento e de representar uma população.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Pertencer; Representações sociais.

1 INTRODUÇÃO

As inquietações alimentam o ser pesquisador, fazendo-o descobridor de novos horizontes, novas propostas e desejos que podem ser postos em execução. Assim, o estudo que se apresenta, discute como alunas negras e alunos negros percebem a universidade. Desta forma, se chegou à representação social na universidade algo que, remete a momentos delicados, pois faz lembrar questões como políticas públicas, educação inclusiva, o papel da universidade como espaço social e de sociabilidade, fazendo com que seu público se aproprie de teorias que contribuem com o crescimento pessoal e profissional para si e para os outros e, para Durkheim (1970), essas questões têm a ver com as representações coletivas, que necessitam ser entendidas como harmoniosas, filosóficas e dialógicas.

Durkheim (1970) relembra que as representações coletivas, são as associações formadas por homens e mulheres, ou seja, são as reuniões entre os indivíduos que têm como finalidade expressar um desejo coletivo de determinado grupo com propósitos comuns. Ainda a pesquisa procurou discutir o espaço de pertencimento, ou seja, os vínculos criados entre pessoas que passarão a participar da mesma linha de convívio como, por exemplo, um grupo social, uma família, comunidade escolar, entre outros.

Ao trabalhar a construção da própria história, o ser humano parece estar trabalhando a definição de sua imagem e, assim, a identidade individual numa relação com o outro, para que também este outro absorva seu papel enquanto parte de um conjunto. Maffesoli (1995) argumenta que, partindo desta visão de engajamento, o ser humano já não é mais o mesmo, suas atitudes assumem novos papéis na teatralidade do dia a dia. Para o autor, os espaços sociais se tornaram lugares democráticos em que se pode absorver e transmitir conteúdos, compreender o espaço cidadão e suas ligações. Isto tem a ver com o reaprender enquanto participante de uma linguagem social diferenciada, pois as falas se apresentam de maneira teatral.

É relevante dizer que a teatralidade (grifo nosso), no meio social, pode se apresentar em níveis distintos, cheios ou vazios de sentido. E em se falando de manifestação, de voz, de expressão, que, como dito, se apresenta de maneira teatral, a pesquisa procura destacar

que nos espaços sociais, o discurso não é mais o mesmo que havia outrora. Existem outras falas, influências discursivas advindas de um público heterogêneo.

Isto posto, o estudo procurou saber: como as discentes negras e os discentes negros veem e percebem a universidade? Desta feita, buscou-se identificar como se dá este conceito de pertencimento, pensando na realidade do século XXI em que a cada dia, o indivíduo torna-se menor, ou como diz Bauman (2005) líquidas as certezas, as crenças e as práticas, pausando as interações entre os grupos e, por conseguinte deixando de exercer seu papel individual. A partir dessa ideia de pertencer a um grupo, a uma sociedade em que as relações sociais também o represente, buscou-se responder o objetivo geral que foi: investigar a auto representação do e da discente negro e negra na Universidade Estadual de Maringá – UEM, nos cursos de licenciatura, tendo como recorte temporal junho de 2019 a junho de 2020.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia se fez necessária a fim de dar entendimento lógico ao estudo, fala-se especificamente dos métodos na pesquisa e, de acordo com Gil (1999), fundamentais são os procedimentos para se alcançar o objetivo desejado e, no caso desta pesquisa, fatos sociais foram trabalhados a partir do método fenomenológico. Segundo o autor, esse método procura determinar uma base segura no que se refere a proposições para todas as ciências, uma vez que as afirmações ditas nas ciências empíricas são de senso comum, inocentes, fracas e mesmo ingênuas.

O princípio fenomenológico trabalha com a ideia de mostrar o que o sujeito traz, a sua realidade e como este sujeito percebe o mundo, o que vivencia, qual seu lugar, o que se sabe dele, quais são seus questionamentos e suas evidências. (BOCHENSKI, 1962 *apud* GIL, 1999).

Sendo assim, essa pesquisa, que trabalha no viés da fenomenologia, tem como tipo o estudo explicativo, uma vez que dedica uma atenção especial para com a vida dos envolvidos na investigação. Triviños (1987) diz que as arguições focadas na explicação apresentam razões voltadas às ocorrências sociais, trazendo para o campo de estudos a conscientização de determinados fenômenos, podendo ser estes de contexto socioeconômicos, culturais ou pessoais, entre outros.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. De acordo com Triviños (1987), a entrevista semiestruturada procura empregar os dados coletados, permitindo a partir destes, engendrar novos pensares, vislumbrando perspectivas de análise que poderão auxiliar na interpretação do material coletado, com a intenção lógica de dar respostas ao problema levantado.

Quanto à estrutura do roteiro da entrevista, é necessário recordar que esta foi resultado da teoria e do caso social investigado, que juntos proporcionaram ao estudo, bem como a escolha das pessoas entrevistadas. O processo se desenvolveu mediante *feedback*, e os pontos que ficaram obscuros ao pesquisador, tomaram essência nas narrações, para o alcance dos propósitos levantados no estudo.

Com a entrevista semiestruturada foi possível obter históricos orais de discentes negros e negras da UEM do último ano de graduação dos cursos de licenciatura em Ciências Sociais e Letras, tendo como coleta de dados a amostra bola de neve, uma técnica de amostragem não probabilística, ou seja, não busca a demarcação do que é provável acontecer, mas tem foco na seleção dos participantes e das participantes da pesquisa, sendo ferramenta útil para estudar grupos de determinadas categorias. “[...] um indivíduo o apresenta a outros, sendo seu fiador, desse modo deflagrando uma espécie de amostragem em bola de neve para a pesquisa qualitativa” (BECKER, 1993, p. 155). Os participantes desse tipo de pesquisa fazem parte do mesmo público-alvo, com

características que possam somar na coleta de dados, formando assim uma rede de referências.

Com a amostragem bola de neve foi possível melhorar o conhecimento sobre o tema pesquisado, bem como confirmar a probabilidade da realização do estudo por meio da percepção do público-alvo, alunas e alunos dos cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Maringá. Assim a análise, segundo o entendimento de Triviños (1987), tem uma amostra ilustrativa das características da população estudada, e essa abordagem trabalha os dados em busca do seu significado com a perspicácia das ocorrências da conjuntura, procurando responder à questão inicial.

A análise, qualitativa, valeu-se das amostras colhidas em campo para dar sustentação às discussões teóricas sobre representações negras, identidade social, sentimento de pertencer, vidas negras e seu espaço. O estudo teve como proposta o recorte temporal abrangendo o período de junho de 2019 a junho de 2020, para, assim, contemplar as informações necessárias às conclusões do estudo. Quanto aos alunos e alunas participantes da pesquisa, faz-se necessário lembrar que os nomes apresentados são **pseudônimos** (grifo nosso), para garantir o anonimato dos (as) discentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 REPRESENTAÇÕES NEGRAS E IDENTIDADE SOCIAL: TEATRO DA VIDA

O estudo procura discutir identidade e relações sociais, a partir do espaço de pertencimento de vidas negras na sociedade moderna. Deste modo, preocupado com a realidade estudantil nesse século XXI, a pesquisa focou vidas negras na Universidade. E por que espaço de pertencimento? De acordo com Bauman (2005, p. 32) que “[...] nós, habitantes do líquido mundo contemporâneo, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento [...]”. Ou seja, de acordo com o autor, existe o sentimento de fazer parte de um lugar, de uma comunidade ou de um grupo, quando nos identificamos com esse meio que transmita certa continuidade da vida, ou continuidade da pessoa que representa essa vida.

Ao pensar sobre suas vidas, as alunas e os alunos negros e participantes da pesquisa, posicionam-se lembrando que vidas negras fazem parte da construção de um povo em todas suas particularidades. Ainda que não deveria haver diferenças no tocante à cor, raça ou gênero uma vez que são vidas contribuindo para a multicultural, o fato é que na prática todos esses elementos são mobilizados para o estabelecimento das mais diferentes formas de hierarquização. A **aluna Ayana do curso de letras** entende a importância dessa multicultural quando disserta:

Vidas negras estão contempladas na construção das sociedades. Uma sociedade não existe apenas com um ou dois elementos, ela necessita de todos que possam contribuir com sua estrutura. Assim os negros, os brancos, os índios, são componentes essenciais.

Também a **discente Jendayi do curso de letras** argumenta firmemente:

[...] faz parte da natureza do ser humano. Vidas negras são ações reais do dia a dia do povo, auxiliando de maneira direta ou não no processo de crescimento. Pensando no seu povo ou pensando no todo, o importante é a contribuição que essas vidas dão.

Em perspectiva aproximada declarou o **aluno Bomani do curso de ciências sociais**, ao considerar que pensar vidas negras é complexo:

[...] sempre existem outras questões envolvendo-nos. Nossas vidas são marcadas por momentos tristes e as questões raciais sempre vêm à tona. Mas vidas negras são isso, resistência, persistência, luta, garra, o melhor sinônimo para batalha é vida negra.

Essa compreensão de si, em grupo de pertença, nem sempre compôs o discurso de todas as pessoas participantes da pesquisa. Diferentemente de **Jendayi**, a percepção do **aluno Danso do curso de letras** oscila entre o reconhecimento da identidade negra e a associação dessa identidade a mais uma entre tantas outras:

[...] não existem morenos, morenos claros, morenos escuros..., existem vidas. E a partir dessas vidas existem pessoas negras, ou seja, é mais que uma palavra, é uma construção de anos, séculos [...].

Mas seja em maior ou menor grau, um aspecto que prevalece entre os e as discentes, é que a sociedade não está preparada ou não quer se posicionar quanto à realidade das diferenças e sua importância para o todo.

Moehlecke (2002), tratando a questão de ser social, como sendo necessário falar da simultaneidade das crenças, dos pensares e saberes que permitem a interação entre os seres humanos em suas ações sociais, num conjunto designado a um determinado grupo de pessoas, tendo como pano de fundo essa perspectiva diferenciada, ou seja, o pertencimento social.¹

Para Janet (1929, p. 266), o ser humano é “[...] uma criação particularmente social. Nós nos inventamos diuturnamente graças à sociedade que nos fez e que pode, igualmente, nos desfazer”. Isso é uma característica própria do ser humano, que cria novas ações e papéis com a finalidade de contribuir para com o grupo e o meio ao qual pertence.

A discussão sobre identidade permeou as respostas dos sujeitos dessa pesquisa, sobretudo em relação ao reconhecimento de que não há, de modo geral, valorização cultural das vidas negras no contexto brasileiro. A **aluna Zuri do curso de ciências sociais** evidencia que,

*[...] se sociedade é um conjunto, sua identidade, num primeiro momento, é a representação desse conjunto. Ela mostra o seu retrato, como pensa, como se desenvolve, como trabalha, como cuida de seus participantes e representantes. Assim a identidade social é a repetição das ações daquele conjunto, daquela sociedade. Mas é importante lembrar que essa mesma sociedade é feita de pessoas, e essas pessoas trazem para o meio social particularidades de suas vivências. Isso me parece muito claro, agora o que me faz pensar quanto respondo esse questionamento é: quando deixamos de dividir conhecimentos e passamos a ser um mais importante que o outro? É possível chamar de identidade social um espaço em que uns **são** para o grupo, e **outros** simplesmente não existem, foram apagados e são apenas números que formam uma grande massa? Se identidade social é o ganho das diferenças convivendo juntos, cadê os excluídos nessa junção de ideias e pensares e saberes e vidas?*

O **aluno Jafari do curso de ciências sociais** responde, ao falar em identidade:

Identidade são valores, então a identidade social está voltada para valores sociais, como por exemplo, as demonstrações de uma cultura local, regional, ancestral, ou o convívio pacífico diário de um determinado povo, o respeito a cultura do outro, a crença do outro, a ideia do outro, e mais, o outro enquanto sujeito participante daquela sociedade. Novamente nos esbarramos no velho e conhecido preconceito. Ele impede de o que falei antes aconteça, pois como alguém que não aceita as diferenças, irá entender que a crença do outro é dele e não minha, merece respeito

¹Maiores discussões a esse respeito estão presentes no livro de Mikhail Bakhtin. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

tanto quanto a minha. Que a origem do outro também é diferente da minha, que o sagrado para o outro pode não ser para mim, mas tudo bem, é dele e ponto final. As relações sociais são o que tem de mais importante em um grupo para seu crescimento, desde que respeitadas as diferenças. Caso contrário é apenas uma representação de sociedade e não uma verdadeira sociedade. Representação no sentido negativo, uma farsa em que poucos são valorizados como sociedade.

Como já ressaltado, identidade não é algo pronto, ela se constrói ao longo da vida. No caso da população negra brasileira, Munanga (2003) argumenta que, entre as lutas do movimento negro está à busca pelo reconhecimento da identidade dessas vidas negras, incluindo nisso o respeito às culturas de origem africana, as crenças, bem como a ressignificação de vidas.

Para o caso da identidade brasileira e da identidade afro-brasileira Munanga (2012) afirma há diluição da identidade cultural afro-brasileira em uma cultura nacional, ato este que pode ser considerado um elemento posto a dificultar o estabelecimento de vínculos de pertencimento tanto ao grupo específico quanto a nação. Com propriedade Munanga assevera:

O discurso identitário da elite ou classe dominante é diferente do discurso das classes dominadas ou subalternizadas. Quando os negros, através de suas entidades sociais, falam de sua identidade que deve passar pela negritude, a elite através de seus intelectuais orgânicos os criticam dizendo que eles querem dividir o Brasil, pois “nossa” identidade é única e mestiça [...] Essa crítica tem a ver com o fato de não existir um discurso político sobre a identidade branca apesar de esta existir tacitamente, pois todos têm consciência das vantagens que a branquitude lhe oferece nesta sociedade. (MUNANGA, 2012, p. 8)

Com efeito, não é descabido destacar que a produção de conhecimentos fora dos parâmetros estabelecidos pelo discurso das elites e classes possa vir a gerar conflitos. A população negra quer fazer parte da história do Brasil como população negra ativa e não como um grupo que se dilui, desaparece em prol da formação nacional. A produção de conhecimento divergente das correntes dominantes é favorecida, em grande medida, pela presença de pessoas de fora dos grupos tradicionalmente dominantes nos centros de produção do conhecimento como, por exemplo, as universidades.

Ayana, acadêmica do curso de letras, declara:

[...] existe uma desigualdade entre brancos e negros, isso não há como negar, e ela nos nossos dias persiste com tamanha grandeza que chega a assustar. Assim, acredito que para enfrentar essa realidade é necessário compreendermos qual é a função minha, sua, qual é nosso papel na construção dessa tão sonhada sociedade de iguais. E antes disso, para que eu possa desempenhar esse papel preciso saber que pertencço a uma sociedade que caracteriza o racismo e o pratica, portanto, se para pertencer a sociedade é necessário eu desenvolver estratégias (parece coisa de guerra, mas é uma luta mesmo), assim farei. Acredito que é a melhor resposta, que todos saibam que pertencço ao meio social e que a educação é o caminho para pertencer à sociedade excludente [...].

É possível perceber que os lugares ou meios sociais, e no caso deste o estudo, o espaço universitário, tem por objetivo proporcionar o acolhimento para que se desenvolva a ampliação de conhecimentos. Isso ficou bem explícito nos discursos dos participantes da pesquisa, pois a realidade acadêmica é transformadora já que agrega aos conhecimentos científicos a cultura dos diversos grupos ali presentes. Kilomba (2019) comenta que o sujeito negro fala, mas nem sempre é ouvido em seus discursos. Isso porque as estruturas das relações estão postas para o branco, e as instituições caminham nessa mesma linha de pensamento.

Para o **acadêmico Jafari**, pertencer nos dias atuais está muito difícil, pois no Brasil a negação do racismo faz parte da alta cúpula do governo, sendo necessário afirmar e reafirmar uma existência que está posta, a identidade negra crescente.

[...] no Brasil quantos negros somos? Quantos brancos são? As estatísticas estão aí, se isso não é negar a realidade, não sei mais o que é. O racismo faz parte de nossa história ao longo dos anos, e isso é importante lembrar para que ao cobramos o espaço de pertencimento, possamos ter legalidade no que propomos e amparo no que dizem as leis. Se todos são iguais, por que não temos os mesmos direitos no que se refere a pertencer a determinados espaços? [...]

Essa noção de não pertença que marca a trajetória de pessoas negras em espaços acadêmicos mostra o quanto pertencer tem a ver com processos de reconhecimento e de inclusão. Quando isso não ocorre, não se estabelece uma aliança. A opinião de Vaz e André (2015) é de que uma vez que quando todos falam a mesma linguagem, 'são iguais' socialmente, há uma aliança do grupo, uma ligação que os sustenta como sociedade formal e representativa.

E para se falar em representações², primeiro é necessário ter a noção da complexidade desta palavra. As discussões entre os cientistas dão conta desta difícil realidade sociológica, uma vez que a própria história apresenta um juízo das divergências sociais ao longo dos anos. Afirmando, Velho (1978), argumenta que um dos vieses condutores da realidade da sociedade moderna no que se refere à representação, está ancorado na formação dos grupos, seus desafios e assimetrias, bem como nas difusões causadas por essas performances do dia a dia.

De acordo com Velho (1978), ao falar em sociedade moderna e sua organização que identifica o eu cotidiano, o conceito de representação torna-se transparente quando se observam as pessoas e suas maneiras de se manifestar, como, por exemplo, as regras de etiqueta ao se dirigir ao outro, a adequação ao meio, o aguardar ou não o seu tempo e sua vez, ou seja, existem visões diferentes do mundo de ponto de vista dos diversos atores em uma mesma situação social.

Trabalhando a ideia de representação do eu, a constatação teatral da vida é de que o cotidiano dita regras, porém o particular de cada um não deixa de influenciar nessas representações. Por exemplo, a questão das relações afetivas acompanha a vida das pessoas em todos os momentos. Seja nos grupos de trabalho, lazer, afetivo, educacional entre outros, o eu sempre está presente influenciado pelo momento, articulado a uma noção de teatralidade. Sobre isso a aluna **Jendayi** apresenta que

[...] a teatralidade faz coro com nossa vivência. Vem de casa para a rua, vai do trabalho para casa, dos laços entre amigos para os mais particulares. É uma constante troca de experiências e vivências reais. Umhas boas, outras nem tanto, algumas afetam nossa rotina, outras parecem brincadeiras para passar o tempo, e algumas são eternas, como esse período em que entramos na universidade adolescentes e saímos com um sentimento de responsabilidade diferente. [...]

No parecer do **aluno Danso**, pensar teatralidade é pensar em representação no sentido mais profunda da palavra, isto é,

[...] representar é próprio do ser humano, é uma questão de sobrevivência. Se eu souber agir, passo meus dias sem afetar de maneira negativa, a ninguém, agora se não souber ou não quiser, se minha maneira de agir for intencional, eu posso ajudar

²As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2014, p. 33).

a destruir ou construir uma pessoa ou um grupo, tudo depende de como quero e o que quero [...].

E o **discente Bomani**, no que lhe toca apresenta a teatralidade como sendo marcas da atuação social:

A vida cotidiana é muito interessante, pois hoje estamos de um jeito, amanhã de outro, ou, ao acordar de um jeito, no decorrer do dia mudamos, e assim vamos nos apresentando para o outro. Também os que estão a nossa volta passam pelas mesmas e outras mudanças. Isso tudo é representação. Não há uma intenção preestabelecida, predefinida. São ações reais agindo no meu ser real, mas que tem alterações de acordo com o que acredito ser necessário para mim.

A necessidade da teatralidade está ligada ao habitual que o sujeito desenvolve de acordo com sua praxe, em razão de sentimentos desenvolvidos para seu bem-estar social, econômico, físico ou emocional. Seria uma maneira de se proteger prevendo o que pode acontecer, pois os atores que estão à sua volta também se blindam para sua segurança. Essa sociedade atual apresenta diferentes falas dos atores que andam envoltos nas posições ocupadas por cada um, negociando interesses que divergem uns dos outros, porém contempla também mecanismos que os acomodam.

Os cientistas sociais, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos etc. estão constantemente entrando em áreas antes invioláveis, levantando dúvidas, revendo premissas, questionando. É claro que isso varia em função de possibilidades - origem social, tipo de formação, orientação teórica, posição ideológica, entre outras. Mas, mesmo em se tratando de indivíduos e correntes mais ligados ou identificados com tendências conservadoras, ou até reacionárias, o próprio trabalho de investigação e reflexão sobre a sociedade e a cultura possibilita uma dimensão nova da investigação científica, de consequências radicais - o questionamento e exame sistemático de seu próprio ambiente (VELHO, 1978, 127-128).

A fala do autor apresenta uma ideia de que o ser humano se acostumou a encarar essa paisagem social seguindo a ótica dos seus atores, suas hierarquias, categorias, distribuição de poderes, mas não significa que se compreenda na íntegra as suas relações.

Nesse contexto, o cotidiano da vida do eu, e particularmente do eu negro, do eu negra, perpassa por questões de raça, cultura, gênero, como bem lembra Carneiro (2005), e esse reconhecer-se faz dessa pessoa representante social um ser único, pois, acima de tudo, ele ou ela tem seus desejos e metas. Portanto, compreender sua importância no contexto social elimina seu rebaixamento no confronto com o outro.

Para Bauman (2008), as relações da vida moderna chegam a ser cruéis. Apresentam-se como transações mercadológicas, levando o ser humano a crer e agir como mercadorias, distorcendo ou negligenciando sua formação humana como se fossem um conjunto homogêneo, produzidos em massa. Compra-se igual, come-se igual, frequentam iguais lugares para serem iguais. E, como alerta Bauman (2003) em uma de suas obras *Amor Líquido*, as pessoas modernas não procuram criar laços, deixando de agir como seres humanos e reproduzindo apenas o que vivenciam. São céleres e fazem por instinto, não se relacionam por tempo duradouro, ou seja, apenas representam, deixando transparente a fragilidade dos vínculos e da cumplicidade enquanto seres sociais. Ao apresentar uma fala sobre a sociedade moderna, não se pode deixar de citar as pessoas que agem o tempo todo em diferentes contextos, atingindo diferentes resultados para públicos diferentes, no caso do público específico da pesquisa – a vivência de pessoas negras na Universidade.³

³Ao falar do espaço deste público, Lívio Sansone (2003, p. 103) reitera que “[...] há uma história de influência recíproca entre o consumo ostensivo e as expressões culturais negras, através da qual o consumo de certo estilo pode tornar-se parte integrante da negritude. Assim, a despeito de muitos discursos sobre a negritude, que enfatizam a pureza cultural, os ‘laços ancestrais’ e a oposição ao comércio como inerentes à identidade negra, a relação com a ‘modernidade’ e a mercadologização é complexa, além de tão antiga quanto a criação de culturas negras no Novo Mundo”[...].

4 CONCLUSÃO

Pelo explanado, é possível verificar que a questão da desigualdade racial no Brasil marca as trajetórias da população negra, inclusive nos espaços acadêmicos. Porém, ao trazer uma discussão a respeito do tema, a proposta é despertar iniciativas que possam dar sustentabilidade à preocupação da necessidade efetiva de intervenção pública.

Bem que essa luta é um processo e, existem experiências significativas de enfrentamento da questão racial, bem como se avolumaram as mobilizações sociais pensadas para fazer cumprir direitos. Como exemplo, pode se citar seminários, oficinas de capacitação de agentes, produção de material institucional e política nacional de saúde da população negra. Ou seja, mesmo com as dificuldades, buscam-se somar esforços para garantir a essa população o direito constitucional, e não somente nos espaços criados para esses debates, mas nas áreas de saúde, segurança pública, moradia e educação, dentre outras, pois a realidade é bem mais complicada do que se mostra e, em razão disso, demanda envolvimento local, estadual e federal.

Entendendo a contribuição ímpar enquanto sujeito ativo vivenciando o espaço acadêmico na universidade, os discentes e as discentes participantes do estudo mostraram-se cientes de seu papel na construção da educação atual.

Compreendendo que o espaço universitário é um lugar de múltiplos conhecimentos, de crescimento intelectual e pessoal, bem como interpelações variadas. Por isso, faz-se necessário discutir a respeito do que não se encontram nos livros didáticos como, por exemplo, a realidade atual política. Essa realidade inclui o crescimento dos grupos excluídos, entre eles os negros e as negras.

E por que essa discussão? Para recordar a contribuição do capital cultural e os frutos que podem ser gerados a partir desse conhecimento. O espaço escolar é o ponto inicial para a formação dos indivíduos que serão disseminadores de conhecimento e mudanças de comportamento. Existe uma realidade que se desenha na educação: se a cultura que os alunos e as alunas trazem consigo a partir do seu espaço social, religião, origem familiar, amigos, credos, crenças, influências culturais dentre outros, lhes é tolhida, como podem então participar do processo criativo e contributivo para o diferencial social? Esse desejo está presente nas falas dos discentes e das discentes, ou seja, ter sua representatividade respeitada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria (Trad. Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008.

BECKER, Howard Saul. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro Como Não-ser Como Fundamento do Ser**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. São Paulo: Forense, 1970.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

JANET, Pierre. **L'évolution psychologique de la personnalité**. Paris: A. Chahine, 1929.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MOEHLECKE, Sabrina. **Ação afirmativa: história e debates no Brasil**. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, novembro/ 2002, p. 197-217,

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. **Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ**, 05/11/2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 1º dez. 20.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso? In: **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8 jul./out. 2012, p. 06-14. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/246/222>. Acesso em: 03 dez. 2020.

SANSONE, Lívio. Da África Ao Afro. Usos e abusos da África na cultura popular e acadêmica brasileira durante o último século. In: SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil** [online]. Salvador: EDUFBA, 2003. Disponível em: <http://books.scielo.org/>. Acesso em: 13 maio 2020, p. 103-138.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais. A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, Ana Carolina de Sousa; ANDRÉ, Bianka Pires. Construindo Identidade no Espaço Escolar: percepções de professores sobre o sentimento de pertencimento dos seus alunos e a construção da cidadania. **COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO, 2015**, Rio de Janeiro, Anais...Rio de Janeiro: CEDUCE, 2015. Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV047_MD1_SA7_ID575_19052015193150.pdf. Acesso em: 4 jan. 2020.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. (org.) **A Aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.